



**Nossa Senhora da Conceição Aparecida:
Análise de como uma estátua de terra-cota tornou-se a padroeira de um país ¹**

Mariana TISO de Carvalho²
Erivam Moraes de OLIVEIRA³
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Aparecida: o mito ganha alcance nacional é resultado de um trabalho final da disciplina de Fotografia, ministrada pelo professor Erivam de Oliveira, da Universidade Federal de Viçosa. Possuía como objetivo a concretização em imagem de todo o embasamento teórico aprendido. Feita em uma visita da imagem peregrina à cidade de Juiz de Fora, MG, se destaca por seus elementos técnicos e teóricos, além de toda uma simbologia em torno do mito da santa. O tema também permite discorrer o contexto dos séculos XVIII e XIX – em especial a Contra-Reforma e seu princípio ultramontanista – e o sincretismo, meio utilizado pelos escravos de forma a praticar sua religião sem perseguição. Somado a isso, a junção da informação à plástica cumpre o objetivo do Fotojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Fotojornalismo; Religião; Sincretismo; Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom, na categoria II – Jornalismo, modalidade Fotografia jornalística (avulso).

² Estudante de Graduação, 3º Semestre do Curso de Jornalismo da UFV, email: mariana.tiso@ufv.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFV, email: erivam.oliveira@ufv.br



1. INTRODUÇÃO

Reflexões sobre as relações dos homens com o divino desdobraram-se necessariamente sobre questões ligadas à conceituação e à interpretação da cultura popular, na medida em que a experiência do sagrado é apropriada de maneiras diversas pelos grupos ou por indivíduos, caracterizando uma pluralidade de usos e de entendimentos. (GAETA, 1997, s/p)

O século XVII foi momento de muita turbulência na Europa. O Iluminismo, a Reforma protestante, a Contra-Reforma, estão todos ligados a esse delicado momento em que a Igreja como instituição passou.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX o movimento de Contra-Reforma tornou-se perceptível e um novo modelo eclesial católico que começou a ser implantado: o ultramontanismo. Esse modelo defende um amplo poder papal e atribui a ele um importante papel na direção da fé – que passa do controle dos leigos para o Clero – e do comportamento do homem.

Diante desse novo arquétipo, a Igreja desenvolveu uma série de símbolos objetivando modelar costumes, romper tradições, reorganizar cotidianos que refletissem uma “romanização das antigas formas de religiosidade popular”, como explica Gaeta.

Assim, no final do século XIX, começou-se um processo de desqualificação das devoções que possuíam larga expressão popular. De forma discreta, algumas imagens foram retiradas dos principais altares e transferidas para capelinhas, de modo a liberar espaço para as novas imagens europeizadas, que

tornaram-se espelhos paradigmáticos a serem imitados nas vivências cotidianas. Sacralizadas pelas virtudes sacramentais, as devoções brancas européias, então conectadas às hierarquias eclesiais, tornaram-se privilegiadas estratégias de erradicação e de substituição das antigas práticas populares. (GAETA, 1997)

Uma vez que o catolicismo pregava a conversão de todos, e nisso se incluíam os escravos, estes, para fugir das perseguições impostas pelos seus “senhores” e pela própria igreja desenvolveram o que hoje se chama de sincretismo.

Como é sabido, o continente africano é composto por diferentes tribos, cada uma com sua própria religião. Com a chegada e a comercialização dos escravos em território brasileiro, não se levava em conta especificidades de cada tribo e, com isso, houve uma miscigenação cultural-religiosa entre eles.



A liberdade de culto a sua religiosidade não era permitida e, para “praticarem livremente sua religiosidade, [eles] acabaram adotando as imagens e os nomes dos santos católicos, em clara alusão aos orixás.” (OLIVEIRA, 2008, p.12) É o que damos o nome de sincretismo.

2. OBJETIVO

O objetivo desse trabalho é buscar entender de que forma a Igreja católica, instituição social presente na História, mesmo após todos os ataques, críticas e escândalos, consegue transformar um mito religioso em objeto de culto nacional.

Para tanto, é necessário associar a forma como foi institucionalizado o achado da estátua de Aparecida, que nos primeiros dez anos não foi reconhecida pela mesma Igreja. Além disso, até aquele momento – ousa afirmar que até os tempos de hoje, com exceção dessa pequenina estátua – todos os santos da igreja tinha tido uma “vida”, isto é, uma história e um trajeto ao longo da vida, como Santo Agostinho, por exemplo, enquanto que ela apenas surgiu no rio. Quem era? Qual a história?

3. JUSTIFICATIVA

O fotojornalismo foi escolhido para este trabalho por ter como característica ser um meio de expressão capaz de captar a atenção, atender à cultura, expectativas, motivações (in)conscientes, hábitos e experiências dos observadores.

Paralelamente a ele, o uso do sincretismo pelos escravos africanos é notável. Para poder professar sua religião, foi utilizado a miscigenação da cultura de diversas tribos juntamente com a crença católica. Um exemplo é a relação entre Nossa Senhora Aparecida e Oxum.

Oxum é mãe, negra, regente da água doce, dona do ouro e ao mesmo tempo, o próprio ouro. Acredita-se que ela está presente em todas as peças feitas com o metal. Apenas com essa caracterização desse orixá do candomblé, uma aproximação do ponto de vista semiótico com a santa católica já é possível.

A história de Nossa Senhora da Conceição Aparecida conta que três pescadores encarregados de conseguir o almoço para o governador da província de São Paulo lançavam as



redes no rio, sem sucesso, até que recolheram o corpo da imagem. Na segunda tentativa, trouxeram a cabeça e logo após, pesca foi farta.

Era mulher, fazendo alusão à Maria, mãe de Jesus. Comparativamente, Oxum e Nossa Senhora Aparecida tem em comum serem mulheres, mães, relacionadas à água doce, negras, terem como cores o azul e o dourado. O porém é que a imagem da santa é negra – num país onde reinava a escravidão.

“Desde o início da colonização, os escravos e seus descendentes buscaram entre os santos negros a mediação entre Deus e o seu cotidiano de penúrias e servidão, pois achavam que os santos brancos pouco entendiam dessas vicissitudes.” (GAETA, 1997)

De fato, no início, todos que cultuavam a santa eram negros, mamelucos, indígenas e/ou mulatos. Somente após dez anos, o pároco da cidade se interessou e propôs a construção da capela.

Diante de um mito, é preciso avaliar o contexto histórico. Ele pega uma amplitude da psique coletiva, portanto, da cultura daquele momento, e não só daquele local, mas da cultura do país. A partir disso, passa a ser vivido pelas pessoas como se fosse um ser vivo que respira com elas. (...) Ela está dentro de nós e, ao mesmo tempo, é um ser psíquico que extrapola as nossas mentes, porque senão teria morrido quando acabou aquela geração que viveu a escravidão. Nós estamos a três séculos disso! (MARIA, s/d)

Será que foi por acaso que a imagem apareceu da cor negra? Ou seria um posicionamento político da Igreja frente à escravidão? Foi por causa dos milagres que ela foi institucionalizada? Ou havia algo por trás?

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O enquadramento é o espaço da realidade visível representado na fotografia e é de responsabilidade do fotógrafo. Se tirarmos parte de seu espaço visual, utilizamos, então, a técnica de reenquadramento. O plano utilizado foi o de conjunto, que são “gerais mais fechados, onde se distinguem os intervenientes da ação e a própria ação com facilidade e por inteiro.” (SOUSA, 2002, p.79)

O plano normal foi o ângulo de tomada da imagem. A composição, também presente na fotografia, tem como objetivo a obtenção de um efeito unificado, a transmissão de uma informação. A regra dos terços – quando divide a imagem em terços verticais e horizontais, em suas interseções

estão os pontos de ouro, pontos onde o olhar tende a se dirigir – também foi levado em conta tanto no enquadramento, quanto no reenquadramento da imagem.

A psicologia de Gestalt ensina-nos que percebemos contextualmente configurações globais e não unidades dispersas, ou seja, percebemos conjuntos organizados de sensações. Assim, a figura percebe-se sobre um fundo (...). No fotojornalismo, por princípio, os motivos tem de se destacar claramente do seu fundo. (...) As relações figura-fundo são dinâmicas. Os elementos que se encontra no fundo, tal como aqueles que rodeiam o motivo, em princípio contribuirão para que à foto seja atribuído um sentido por parte do observador. (SOUSA, 2002, p.85)

Organizando composicionalmente a imagem, utilizou-se da repetição, representada pela multidão de fiéis, e o contraste cromático entre o primeiro plano e o fundo.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Valendo-se da técnica de reenquadramento da imagem, uma vez que, assim, “concentra-se a atenção do observador no motivo e retira da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante.” (SOUSA, 2002, p. 78) Esse gesto é freqüente no fotojornalismo e mesmo no processo analógico já era utilizado – antes, no laboratório e nos tempos atuais, por meios informáticos, com destaque para o programa *Photoshop*.

Em relação à composição, utilizou-se a regra dos terços para chamar atenção aos fatos mais importantes da imagem: no foco principal, a coroa de Nossa Senhora e as mãos dos fiéis ao tocá-la, demonstrando a devoção à santa, e o homem ao fundo, também registrando o momento e formando o equilíbrio que faltava à imagem, estabelecendo uma hierarquia entre os elementos e os planos da fotografia.

Além destes, há diversos outros focos secundários que poderiam novamente subdividi-la em várias outras. O olhar do homem, à direita da imagem, nos transmite uma sensação de esperança; o outro, à esquerda, de blusa verde, que encontra-se encurvado, como forma de respeito àquilo que a estátua representa; e mais a frente, a mulher que usa óculos, que faz prece enquanto a toca.

O contraste cromático pode ser percebido pelo uso de cores fortes, como o azul e os dourados presentes da imagem sagrada, contra o fundo vermelho do carro de bombeiro, de onde ela tinha acabado de ser trazida. O equilíbrio empregado foi o dinâmico, que produz certa tensão e favorece uma leitura ativa da foto.



Quanto à velocidade, optou-se, também, por congelar o momento que a imagem da santa peregrina passa por entre os fiéis. Essa é sempre uma opção mais comum no fotojornalismo.

6. CONSIDERAÇÕES

Para fazer frente aos ataques que sofria desde o século XVIII, a Igreja católica, no século posterior colocou em prática no Brasil os preceitos ultramontanistas. Imagens presentes na cultura popular foram gradativamente substituídas por outras, de modo a refletir uma “romanização” destas.

Paralelamente, uma imagem aparecida em um rio desafiava esse novo arquétipo sacro. Negra e em um contexto de perseguição religiosa, onde os escravos utilizavam-se do sincretismo, ela revolucionou as bases teológicas da época. E hoje em dia é padroeira do país onde foi encontrada.

Através da proposta de um trabalho prático que refletisse a teoria aprendida em sala de aula com a disciplina de Fotografia, aliou-se tema à técnica. Enquadramento, reenquadramento, velocidade, regras dos terços, pontos de ouro, equilíbrio, repetição, contraste cromático e demais elementos compositivos transformam um simples trabalho final de período a um tema de artigo científico.

Os gestos significativos, as posições sugestivas, precisam frequentemente de ser “congeladas” para que lhes possa ser imposto um sentido. A máquina fotográfica tem a capacidade de “sacar” à realidade um fragmento de tempo que potencia o nosso limitado poder da visão. (SOUSA, 2002, p.93)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. **Revista Brasileira de História**, vol. 17 n. 34. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-01881997000200010>. Acesso em: 18 mar. 2011
- MARIA, Andiará. Nossa Senhora Aparecida: a madona negra brasileira. **Controvérsia**. Disponível em: <<http://blog.controversia.com.br/2010/08/18/nossa-senhora-aparecida-a-madona-negra-brasileira/>>. Acesso em: 19 mar. 2011
- OLIVEIRA, Erivam Morais de. As diferentes formas do olhar: o candomblé de Pierre Verger e José Medeiros. **Photo**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/photo/wp-content/uploads/2010/11/diferentes-olhar.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 01 mar. 2011



ANEXO



Aparecida: o mito ganha alcance nacional
Foto: Mariana Tiso